



INTRODUÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA: construções sociais do ser homem e do ser mulher

CHAVES, Luciana Amâncio*

RESUMO: A construção do ser homem e do ser mulher está vinculada ao processo de socialização e a sua identidade de gênero é construída no interior de instituições como a família e a escola. Desse modo, esse artigo evidencia processos específicos de socialização no âmbito escolar, os quais contribuem para a definição da identidade e dos papéis de gênero. Ao mesmo tempo, discute a influência do educador, a partir de suas ações e discursos velados ou desvelados sobre comportamentos definidores dos gêneros, assim demarcando e intensificando objetivamente as distinções de sexo. A abordagem dessa pesquisa é de cunho qualitativo tendo como suporte metodológico, estudos bibliográficos e os dados foram coletados a partir de observações em uma instituição de educação infantil em Maracaju MS e anos iniciais do ensino fundamental em Dourados MS. Soube-se que há naturalização de estereótipos de gênero manifestados em ações demarcadas a meninos e meninas. Consideramos que a dicotomia sexo/gênero existe na instituição de ensino escolar, os educadores legitimam ações que naturalizam as distinções. No entanto o papel da escola é preconizar a equidade de oportunidades.

Palavras-chave: Relações de gênero. Socialização. Infância.

1 Introdução

Este trabalho parte da perspectiva da socialização de gênero na esfera escolar, apregoando a importância factual da escola no processo de socialização e na construção da identidade dos sujeitos. Assim como, a reprodução dos papéis de gênero por ela fornecida, pois enquanto o fator biológico determina o sexo, a relação social e cultural determina o gênero ou a manifestação dos papéis masculinos e femininos. Nesse sentido, esta proposta objetivou analisar em que medida, o ambiente escolar e professores da educação infantil e ensino fundamental I influenciam na constituição de comportamentos definidores de gênero na infância, que são determinantes nas diferenciações de sexo.

A cor rosa para as meninas, kits de casinha, limpeza, cozinha. Para os meninos, a cor azul, carrinhos, jogos, super heróis e bola. São predileções feitas há tantas gerações que parecem inocentes. Mas, de onde vêm essas regras, estipular o

* Graduada em pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados- UNIGRAN (2018), pós-graduada em metodologia do ensino superior e docência em educação à distância pelo Centro universitário da grande Dourados UNIGRAN (2020). Pós-graduanda em tecnologias educacionais pela faculdade play (2021). luciana_amanciochaves@hotmail.com



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

que é ser menina ou ser menino, seria algo natural ou algo construído socialmente? Dessa forma, a partir das expectativas de comportamentos para meninas e meninos, surgiu a problemática que norteou a pesquisa: Qual a participação das instituições de ensino e dos educadores na construção de identidade de gênero¹?

É importante compreender a influência do educador com suas ações e discursos velados ou desvelados sobre comportamentos esperados para meninas e meninos, e também, averiguar como as relações entre aluno e professor no ambiente escolar intensifica estereótipos demarcando distinções de sexo.

Para atingir os objetivos desta proposta foi necessário realizar um estudo sobre os conceitos de patriarcado², identidade de gênero, cuja fundamentação teórica remeteu a estudos bibliográficos de autoras como: Simone de Beauvoir (1970), Carie Paechter (2009), Heleieth Saffioti (2015) Pierre Bourdieu (2018) entre outros.

Para obtenção de dados empíricos, realizou-se observações em uma instituição de educação infantil em Maracaju MS e ensino fundamental I em Dourados MS. Além de entrevistas com professoras da referida instituição. Optou-se por realizar entrevistas semi estruturadas, com questionário no qual através de imagens, foram feitas seleções de ações, comportamentos, acessórios e brinquedos que são por elas, considerados de meninos, meninas ou ambos os sexos, e questionamentos sobre a temática. Elucidando assim, quais as prováveis colaborações para a composição do sujeito e sua identidade.

Para apresentar esta pesquisa, o artigo está organizado em seções. Primeiramente trago discussões teóricas das temáticas a partir dos estudos bibliográficos realizados. Posteriormente apresento os dados coletados e organizados, ressaltando considerações à luz dos referenciais teóricos.

Este artigo é necessário ao olhar, à construção do ser, pela socialização vinculada ao gênero na infância, no contexto escolar. Além disso, por ser um assunto que evoca muita polêmica, é essencial, trazer à tona, a discussão do tema, pois inferir sobre gênero na escola, não se trata de disseminação de ideologia de

¹ Identidade de gênero concerne, como a pessoa se identifica independentemente do sexo biológico que possui

² Para o movimento feminista, uma sociedade patriarcal é um sistema social dominado pelos homens, no qual eles são as figuras de autoridade suprema e detêm o poder máximo.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

gênero. A função social da escola é a propagação da tolerância e equidade de oportunidades.

2 DEFINIÇÃO DE TERMOS: GÊNERO E PATRIARCADO

O uso do termo gênero relaciona-se à escritora francesa Simone de Beauvoir, que foi uma das primeiras pessoas a usar o conceito em 1949. Em sua obra *O Segundo Sexo* declarou que "a mulher não nasce mulher, torna-se mulher" inferindo que a identidade feminina é uma elaboração sociocultural.

A concepção de gênero surgiu em 1960 em meio às lutas feministas por igualdade de oportunidades. O conceito de gênero surge dentro desses movimentos para responder vários impasses e permitir analisar as relações existentes entre o uso do corpo e a construção da identidade nas pessoas. (Braga 2017, p.252).

Gênero é um aprendizado que acontece imperceptivelmente nas várias esferas da vida, e tem a ver com uma forma classificatória e relações de poder. Há classificação além dos corpos, masculino e feminino, também das tarefas, atividades, profissões, espaços sociais. O lar é pensado como espaço feminino, a rua é tida como espaço masculino. Então, gênero tem a ver com as experiências de homens e mulheres. Aprendemos ser masculino ou feminino desde pequeno, na família, na mídia, na rua, na escola, mesmo sem perceber, é tacitamente normatizado.

Para Simone de Beauvoir, gênero tem correlação com poder e subjugação, de forma que a separação dos corpos determina espaço e status. Colocando o homem e mulher em oposição e conferindo aos homens privilégios e assim naturalizando e perpetuando diferenças entre os sexos.

Praticamente, assim como para os Antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o masculino. A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. "A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades", diz Aristóteles. "Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural". E Sto. Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser "ocasional". É o que simboliza a



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

história do Gênese em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um "osso supranumerário" de Adão. A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo (1970, p.9-10).

Conforme a citação acima percebe-se que a dominação masculina sobre a mulher, as relações de divisão de poder imbricadas ao gênero é uma construção social histórica. Esta supremacia está vinculada a processos como o patriarcado. O conceito de patriarcado, que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens (Heleieth I. B. Saffioti, 2004, p.44).

3 RELAÇÕES DE GÊNERO E A ESCOLA

As relações sociais são inerentes a vida do ser humano, a aquisição de conhecimentos será perpassado pelo processo de socialização. Inicialmente serão incutidos cuidados, orientações pelo grupo social primário, a família, no qual constroem-se vínculos, afetividade, aprendendo assim, coisas fundamentais para vivência em sociedade.

Entre as modalidades de socialização na infância, podemos mencionar como primordial as interações nas relações familiares e no interior das instituições escolares: (interações entre crianças, entre professoras/es e crianças e entre crianças e demais funcionários/as).

Nesse sentido o grupo social secundário ao qual às crianças serão submetidos, será a escola. E assim, nas instituições de educação infantil além do desenvolvimento cognitivo haverá a construção social do ser, no decurso da constituição da identidade e na incursão dos papéis de gênero. Carie Paetcher afirma que:

A escola também lida com formas de conhecimento que, mesmo nos primeiros anos de formação, são rotuladas diferentemente de masculino e feminino, determinando um impacto diferenciado nas comunidades locais de prática de masculinidade e feminidade. Por fim, a escola é uma instituição que, por sua própria natureza, seleciona e classifica as crianças. A formação de grupos pela escola e a continuidade da classificação estimulam maneiras de pensar o eu (self) e os outros que envolvem percepções sobre quem pode ou não se inserir nessa ou naquela configuração. Essas percepções enfatizam o mesmo e o diferente e colocam em destaque questões de legitimidade (PAETCHER, 2009, p.89).



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

A Educação Infantil constitui-se em dos primeiros ambientes em que a criança se relacionará com outro meio social além da família. Nos primeiros cinco anos de vida a criança amplia seus repertórios, desenvolve seus primeiros valores e suas primeiras noções de comportamento. Neste período, as crianças iniciam a construção das suas próprias identidades e tais construções não acontecem independentes, elas acontecem por meio das sociabilidades. O referencial Curricular para educação infantil vol.II enfatiza que:

O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias. Isso pode ocorrer nas instituições de educação infantil que se constituem, por excelência, em espaços de socialização, pois propiciam o contato e o confronto com adultos e crianças de várias origens socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos e valores, fazendo dessa diversidade um campo privilegiado da experiência educativa. (BRASIL 1998, p.11).

O processo cognitivo das crianças se dá por interações com adultos em ações em que são construídos princípios de comportamento ou ações esperadas a cada sexo. Os traços culturais são repassados e posteriormente reproduzidos pelas crianças. Dessa forma a participação da escola no processo de criação de identidade é considerável, uma vez que as crianças passam uma grande parte de suas vidas no ambiente escolar. E nas primeiras interações na educação infantil as crianças estarão em contato com identidades plurais. Vianna e Finco (2009, p. 271) afirmam que:

As relações das crianças na Educação Infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de diversas classes sociais, religiões e etnias com valores e comportamentos também diferenciados. A Educação Infantil não só cuida do corpo da criança, como o educa: ele é o primeiro lugar marcado pelo adulto, em que impõem à conduta dos pequenos os limites sociais e psicológicos.

A escola é uma instituição parte da sociedade, assim sendo não se isenta das prerrogativas e adversidades produzidas por essa mesma sociedade, sendo, portanto sugestionada pelos modos de pensar do conjunto social. As práticas realizadas no âmbito escolar normatizam padrões comportamentais para meninos e



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

meninas. Nesse sentido o processo de socialização tem relação intrínseca com a construção de identidade de gênero. Braga (2017) salienta que:

Na escola a visão sexista de mundo se materializa em quase todos os lugares que nossos olhos possam alcançar, na fila das meninas, nas salas, carteiras ou cadeiras para elas, nos materiais didáticos, nos brinquedos, nas brincadeiras, nos livros, na postura dos profissionais da educação, no menino que a mãe ensina não chorar (porque homem não chora), na menina que ouve dos pais que ela deve ser recatada, sensível e delicada. Uma vez que a pressão familiar sobre os estereótipos masculino e feminino influenciam de maneira significativa nas construções infantis sobre os papéis sociais, a escola é um dos principais agentes na construção e imposição do gênero já definido aos indivíduos, ela impõe e dita regras a serem seguidas (p.259).

A escola é um dos campos sociais por onde circulam múltiplas crenças, valores, relações. Na tenra idade os seres reproduzem e interpretam o aspecto social através dos jogos simbólicos, reproduzindo as ações e orientações dos adultos.

Na educação infantil os estereótipos de gênero serão legitimados através de discursos norteadores de espaços de meninas e meninos, bem como na seleção de brinquedos e brincadeiras destinadas a cada sexo. Sendo assim, intentando saber como educadoras da educação infantil organizam suas práticas pedagógicas correlacionando às relações de gênero, a próxima sessão abordará resultados e discussões da pesquisa empírica realizada nesse estudo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

O ambiente escolar tem sido um dos principais espaços de formação dos sujeitos, e é nesse espaço que acontece também o reforço dos papéis de gênero na infância. Calcados, na construção social de papéis de gênero, educadores imperceptivelmente, perpetuam as diferenças e estereótipos. Embora sentados na mesma sala, ouvindo os mesmos professores, meninos e meninas recebem orientações diferentes, de forma sutil há manifestações de ações e comportamentos esperados, distinguindo sexos.









Com intuito de saber, o nível de inferências e contribuições de educadoras de uma instituição de educação infantil em Maracaju MS e ensino fundamental I em Dourados MS no processo de introdução de papéis e formação de identidade de

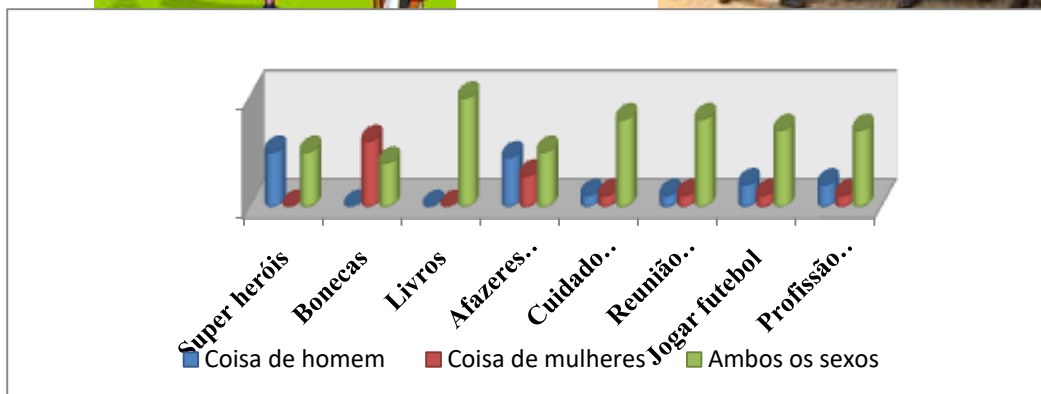


V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
"Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

gênero das crianças. Realizou se entrevistas semi estruturadas. Segue abaixo as entrevistas, respectivas respostas e análises a luz dos referencias teóricos.

O primeiro questionamento foi: Observe as imagens abaixo e classifique as figura em: Coisas de meninas (F), coisas de meninos (M) ou ambos os sexos (AM):

Super herói		Boneca	
Livros		Afazeres domésticos	
Cuidado com os		Reunião com amigos /as	
Jogar futebol		Profissão Policial	



Percebemos nos discursos das educadoras que elas consideram na grande maioria que as ações, profissões, atividades e brinquedos são destinados a ambos os sexos. A minoria legitima brinquedos e brincadeiras como sendo apenas de um ou outro sexo. Para Daniela Auad:



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

Intersecção entre universidade e escola

"Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

Questionar, e não imediatamente negar, o que percebemos como tipicamente feminino ou tipicamente masculino pode ajudar a notar como muitas diferenças entre homens e mulheres não são naturais. Há de se duvidar do que é visto como "coisa de mulher" ou como "papo de homem". Termos como esses podem revelar concepções desiguais dos sujeitos. E as desigualdades acabam por ditar do que meninas boazinhas devem brincar o que homens fortes devem fazer, do que toda mulher honesta deve fugir e como um menino corajoso deve se comportar (AUAD, 2018, p.23).

A segunda indagação foi: Você concorda com a concepção que menino usa azul e menina rosa? () sim () não



Segundo a maioria das educadoras entrevistadas a seleção de cores, não deve ser feitas de acordo com o critério que menina usa rosa e menino usa azul. Embora a minoria afirmar categoricamente, achar estranho ver um menino usando a cor rosa, porque desde que o mundo é mundo há a divisão das cores. Para Pierre Bourdieu:

O trabalho pedagógico de construção de sujeitos (e corpos) masculinos e femininos é um trabalho psicossomático: a somatização das relações sociais de dominação é obtida "à custa, e ao final, de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua [em] que as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em habitus claramente diferenciados segundo o princípio de divisão dominante e capaz de perceber o mundo segundo este princípio" (BOURDIEU, 2018, p. 33-34).

O terceiro questionamento feito às educadoras foi: Sexo e gênero é a mesma coisa? Sim ou Não. Para esta indagação as respostas foram:





V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
“Paulo Freire: contribuições
para a educação pública”

As entrevistadas por unanimidade afirmam que gênero e sexo não é a mesma coisa. Para elas gênero está relacionado com as maneiras de ser masculino ou feminino e sexo é a determinação biológica dos corpos. Sobre a conceituação de gênero e sexo Daniela Auad afirma que:

Sexo e gênero não são a mesma "coisa", embora estejam relacionados. Se as relações de gênero não existissem no mundo como a conhecemos, o que percebemos como sexo não seria valorizado como importante. Ou seja, ter um pênis ou ter uma vagina poderia ser apenas uma diferença física entre outras. As diferenças anatômicas entre homens e mulheres (ter um pênis ou uma vagina, por exemplo) não teriam nenhuma significação valorativa em si mesmo não fossem os arranjos de gênero vigentes na nossa sociedade. O gênero como um conjunto de ideias e representações sobre o masculino e sobre o feminino cria uma determinada percepção sobre o sexo anatômico. E, então, ter pênis ou ter vagina, ser menina, homem, mulher ou menino determina quais serão as informações utilizadas para organizar os sujeitos em uma desigual (e irreal!) escala de valores (AUAD, 2018, p.20-21).

Com intuito de saber sobre as práticas docentes correlacionando às relações de gênero no âmbito escolar indaguei sobre a seguinte questão: A proposta pedagógica na Educação Infantil pressupõe um espaço do lúdico, da imaginação, da criação, do acolhimento, da curiosidade, da brincadeira, como isso se realiza na prática cotidiana com sua turma?

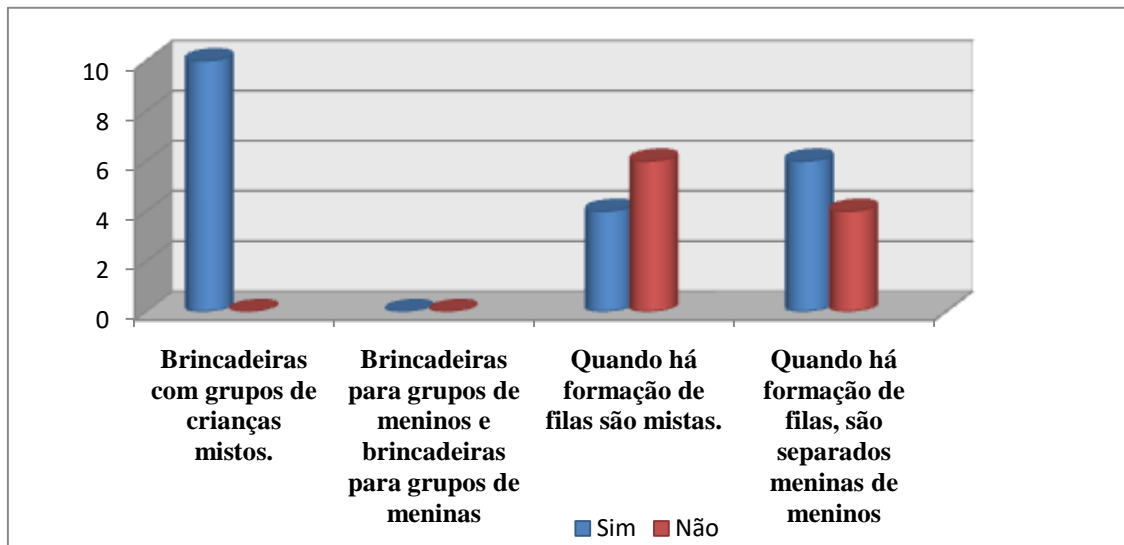
- () brincadeiras com grupos de crianças mistos.
- () brincadeiras para grupos de meninos e brincadeiras para grupos de meninas
- () quando há formação de filas são mistas.
- () quando há formação de filas, são separados meninas de meninos.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

Intersecção entre universidade e escola

"Paulo Freire: contribuições para a educação pública"



Observando o gráfico acima nota-se que as respostas em relação a brincadeiras com grupos mistos foram unânimes, segundo as educadoras não há separação de grupos de meninos e meninas nos momentos de brincadeiras. Somente as tradicionais filas de meninas e meninos ainda são mantidas por algumas das educadoras, pois elas consideram os meninos mais agressivos e as meninas mais frágeis e assim consideram melhor separá-los. Pierre Bourdieu ressalta que:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos habitus e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (BOURDIEU, 2018, p.60).

Sobre o planejamento das práticas docentes, questionei: Como seleciona ou cria seus materiais para o trabalho lúdico pedagógico?

I- Jogos e brinquedos para grupos mistos:

() sim () não

II- Jogos e brinquedos específicos para meninos e jogos e brinquedos específicos para meninas:

() sim () não

III- Na escolha dos brinquedos deixa a critério das crianças

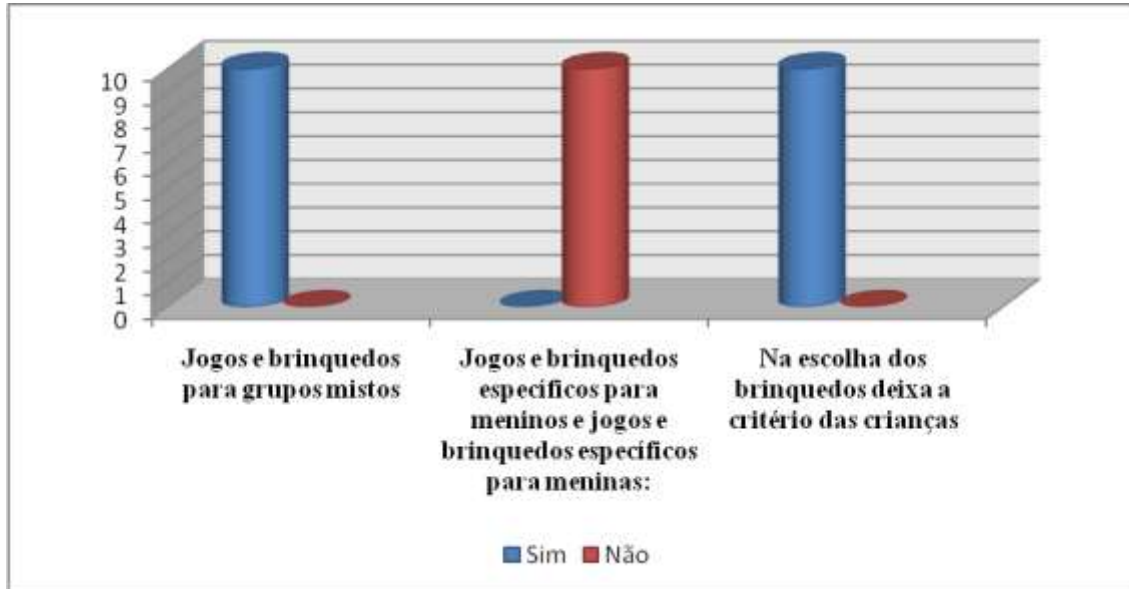
() sim () não



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE

Intersecção entre universidade e escola

"Paulo Freire: contribuições para a educação pública"



Nas palavras de Tizuko Kishimoto:

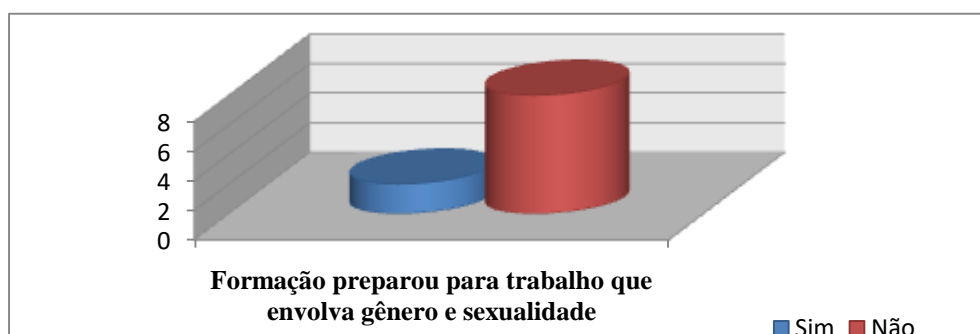
A criança é cidadã- poder escolher e ter acesso aos brinquedos e às brincadeiras é um dos seus direitos como cidadã. Mesmo sendo pequena e vulnerável, ela sabe muitas coisas, toma decisões, escolhe o que quer fazer, olha e pega coisas que lhe interessam, interage com pessoas, expressa o que sabe fazer e mostra em seus gestos, em um olhar, em uma palavra, como compreendeu o mundo (BRASIL 2012, p.11).

Os próximos questionamentos feitos às entrevistadas intentavam saber sobre a formação e preparo para trabalho com a temática, relações de gênero e sexualidade: Você considera que sua formação te preparou para situações de trabalho que envolva aspectos de gênero e sexualidade na Educação?

() Sim () Não

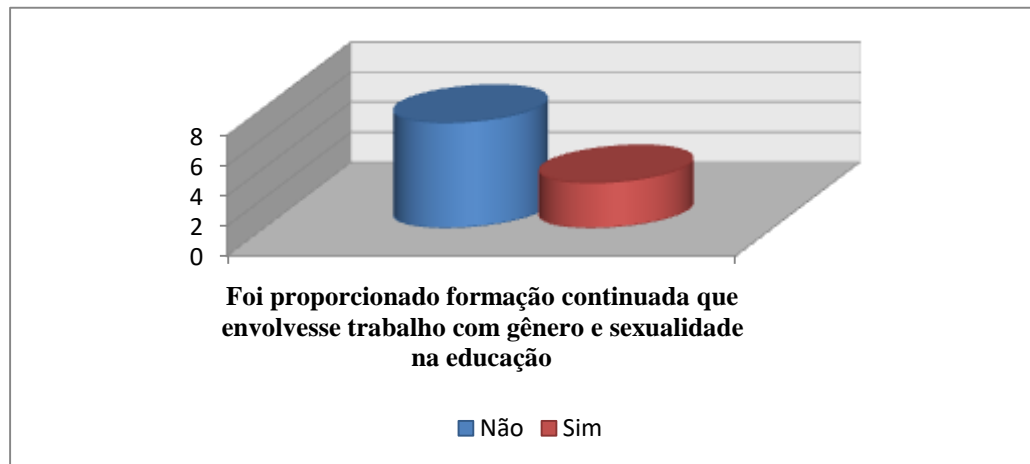
Alguma vez lhe foi proporcionado algum tipo de formação continuada que envolvesse questões sobre relações de gênero e sexualidade. E você considera que essa formação é ou seria importante?

() Sim () Não





V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"



As respostas das entrevistadas demonstraram que durante a formação não houve preparação para o trabalho com a temática em questão e também não há participação significativa de educadoras em cursos de formação continuada cuja abordagem remeta o preparo pra lidar com a temática. Para Jane Felipe 2008 (p.6):

O corpo docente, por sua vez, se sente, em algumas ocasiões, despreparado para tal empreitada, na medida em que não teve uma formação específica para isso. Em se tratando da Educação Infantil, por exemplo, isso se torna ainda mais difícil, pois as professoras têm muitas dúvidas em como lidar com algumas situações que surgem no cotidiano da escola e de como abordá-las, temendo ainda que as famílias desaprovem que o tema da sexualidade seja discutido com as crianças. Um dos pontos fundamentais na educação das crianças é problematizar e desconstruir o sexismo, a heteronormatividade e outros tipos de preconceito, pois eles começam dentro de casa e podem ser reforçados, muitas vezes, dentro da própria escola, que deveria ser um lugar de acolhimento, além de sua função de ampliar os conhecimentos dos alunos e alunas (e também dos professores). Dessa forma, os brinquedos e brincadeiras que proporcionamos, as atividades que empreendemos no nosso fazer pedagógico, os espaços disponibilizados a meninos e meninas, as falas de ambos, os gestos, os comentários que fazemos, os olhares de repreensão ou não que lançamos a cada um deles/cada uma delas diante de seus comportamentos estão repletos de representações a respeito daquilo que entendemos ser o mais adequado para meninos e meninas, homens e mulheres. Portanto, discutir de que forma se constroem as relações de gênero e como vão se constituindo ao longo da vida as identidades sexuais torna-se crucial nessa formação.

Considerações Finais

A invenção do ser advém do processo de socialização pelo qual os indivíduos perpassam na trajetória de vida, então, cabe dizer, que o ser não tem ao nascer tudo



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
“Paulo Freire: contribuições
para a educação pública”

definido, delineado e projetado. A interferência da sociedade, da cultura a qual estiver imerso ditará grandes traços da sua construção, de forma que não há indivíduo sem sociedade e nem sociedade sem indivíduo.

A construção do ser ocorre no ambiente, sociedade e cultura na qual ele vive. Na sua constituição enquanto pessoa haverá perspectivas que o distinguirá em relação ao sexo, havendo o determinismo biológico que prega as diferenças baseadas na composição dos cromossomos e caracteres físicos, tais como as genitálias a qual grupo pertence, homem ou mulher. Além disso, há outro fator do construcionismo social na formação do ser, a qual grupo ele se identificará, independentemente do sexo que possua.

No decorrer do processo de introjeção de valores comportamentais, o indivíduo é submetido às instâncias sociais, tais como a escola, que é responsável além do processo de escolarização, por questões relacionadas às vivências. Nesse processo de socialização secundária, os sujeitos são convencidos a seguir normas de condutas, nesse momento há introdução de papéis sociais de gênero, os estereótipos são reforçados.

No ambiente escolar os corpos são separados em masculino e feminino, as características, as ações, são definidas como de um ou outro grupo. As tradicionais filas, só de meninas ou meninos são feitas. O discurso que homem não chora, não tem medo de mulher, vezes ou outras são ditos. Ou até mesmo que as meninas têm comportamento exemplar, que os meninos tumultuam. Professoras chegam a dizer que sonha em ter uma sala só de meninas, que seria o céu.

Os discursos velados ou desvelados contribuem na separação, distinção dos sexos, os colocando em condição de disputa. A escola mista invés de praticar a coeducação, reproduzem quase que majoritariamente os padrões tradicionais de separação de coisas de meninas e coisas de meninos.

A sociedade delimita as possibilidades, tornando as alternativas mais escassas, e assim diante das pessoas parece haver um único caminho em linha reta desde a infância e dessa forma acredita-se piamente em um espaço para homem e outro para mulher. E a instituição escolar reforça e reproduz essa distinção de espaços, atitudes e ações entre os sexos, legitimando e tornando-as naturais.

Diante disso, consideramos que educar a criança não é simples em nenhuma esfera e não seria diferente no que diz respeito à construção dos papéis de gênero, discussão que evoca grandes polêmicas atualmente. Mas, sendo a formação



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE Intersecção entre universidade e escola "Paulo Freire: contribuições para a educação pública"

humana decorrente das relações entre o indivíduo e o seu ambiente, sua comunidade e sua cultura, cabe também à escola e aos educadores, criarem novas perspectivas de educação para meninos e meninas, visando à equidade de gênero e igualdade de oportunidades.

Uma percepção profunda das relações deve desnaturalizar os múltiplos aspectos da vida social que são jogados nos corpos. Todavia, isso não é simples. Hoje com o aparecimento das identidades LGBT, homem do século XXI, mulheres independentes, ser homem ou ser mulher é totalmente variável. As determinações biológicas não correspondem o que o indivíduo irá ser. Não determina a qual grupo irá pertencer, na construção vida/ sociedade, que serão construídas as identidades. Embora as polêmicas girem em torno da demarcação biológica como fator fundamental para legitimidade de sexo e haja confusão entre sexo, gênero e sexualidade, o fator biológico é uma característica da anatomia humana. E é no processo de socialização que haverá identificação.

Nesse sentido, a escola como espaço onde poderes são instituídos e discursos de verdades são consolidados, além de ensinar o saber historicamente acumulado, o conhecimento científico, deve abordar os conhecimentos de forma crítica e historicizada, um currículo contextualizado com a totalidade dos fatos. Isto implica em abarcar a construção de espaços iguais para homens e mulheres, concepções de tolerância aos múltiplos discursos e pessoas, e assim contribuir na sensibilização da diminuição de crimes de ódio como homofobia e feminicídio.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola.** 2ªed. São Paulo: Contexto, 2018.

BEAUVOIR, Simone De. **O Segundo Sexo Fatos e Mitos.** Disponível em: <file:///C:/Users/Luciana/Downloads/BEAUVOIR,%20Simone%20de.%20O%20Segundo%20Sexo,%20VOL%20I%20-%20Fatos%20e%20Mitos.pdf>. Acesso: 26 de OUT 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 6ªed. Rio de Janeiro: Kuhner, 2018.

BRAGA, Sirléia de Oliveira. **Relações de gênero e educação infantil: alternância de papéis e ludicidade.** Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/26042017193430.pdf>. Acesso: 30 de OUT 2109.



V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE
Intersecção entre universidade e escola
“Paulo Freire: contribuições
para a educação pública”

BRASIL, MEC. SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: Mec/SEF, 1998. (Vol.1,2,3).

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos Humanos. Parecer nº1- Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais- CNCD/LGBT. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica.** Brasília: MEC/SEB, 2012.

FELIPE, Jane. **Educação para Igualdade de Gênero.** Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/salto_futuro_educacao_igualdade_genero.pdf. Acesso: 29 de OUT 2019.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil.** Pro-Posições: Dossiê: Educação Infantil e Gênero, vol. 14, nº 42, 2003, p.89-102.

PAECHTER, Carie. **Meninos e meninas:** aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Trad. Rita Terezinha Schmidt. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SAFFIOTI, Heleith I.B. **Ontogênese e Filogênese do Gênero.** Disponível em: <http://www.contag.org.br/imagens/f759ontogenesedogeneroHELEIETHSAFFIOTI.pdf>. Acesso: 29 de OUT 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu.

VIANA, Cláudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200010. Acesso: 30 de OUT 2019.